JANGA[illegible] LITERÁRIO

([illegible]ão a Mário Linhares na Casa de Juvenal Galeno)

MANOEL ALBANO AMÔRA

Em Fortaleza, no ano longinquo de 1922. O bairro da Aldeota era ainda bem provinciano, não tinha muitos palacêtes residenciais, os trilhos dos velhos bondes eram alí colocados sobre dormentes que se encontravam á flor da terra e, por toda a parte, havia um ar silvestre. No alpendre de um alto chalé, de extensos parapeitos pintados de branco, ás cinco horas da tarde de um domingo, um menino brincava com outros, despreocupadamente, á luz dos derradeiros raios solares. Um elegante casal, fidalgo de maneiras, foi então, com a sua presença ao lugar onde se encontravam as crianças, completar a beleza do quadro, aumentando a graça da tarde luminosa e calma. Quem era o jovem senhor, que naquele instante trajava uma roupa de linho branco, e parecia simpático e bom? Quem era a moça bonita, que parecia refletir no seu rosto grandes virtudes? Mario Linhares e D. Angelica, logo disseram os donos da casa. Tinham ido despedir-se, pois estavam de viagem marcada para o Rio de Janeiro. Mais uma vez se repetia a predestinação de que falou Alencar. O Outeiro, a rua Formosa, o Parque da Liberdade, a Avenida 7 de Setembro, o Passeio Público, a Praia do Peixe e o Farol do Mucuripe haveriam de ficar perdidos, para eles, num trecho da paisagem fortalezense, entre o céu e o mar.

Mário Linhares! Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar este grande nome. E é com a mais viva emoção que, neste momento feliz da minha vida, relembro o episódio, que nunca pude esquecer.

O cavalheiro que acabava de surgir diante dos meus olhos cheios das seduções da infancia, eu soube depois, havia sido amigo dileto de José Gil Amóra, o nosso sempre lembrado Amorinha, prosador e poeta de raro talento, que dois anos antes tinha encerrado a sua promissora existência, consumida em noites de boêmia. Ao nome querido de Gil Amóra, a partir de então associei o de Mário Linhares, como objeto da minha admiração e estima.

"Gente Nova", livro do meu novo conhecido, foi uma das primeiras obras literárias a me chegar ás mãos naquela fase inquieta da vida. Nele, Mário Linhares passa em revista a brilhante geração intelectual de que fez parte. Como era natural, a mais forte impressão que me ficou da leitura foi a do perfil de Gil Amóra. A alma torturada do poeta cearense, sempre mergulhada em tristeza, alí se acha e[illegible]a, para conhecimento da posteridade.

Os grupos literários do Cear[illegible]20, quando Fortaleza não havia ainda se expandido alé[illegible]va Paulet e ostentava casas vetustas e amplas, de altas ca[illegible] reuniam-se nos cafés e bancos da Praça do Ferreira. Ficaram célebres [illegible] reuniões do Café instalado no prédio conhecido por sobrado do Cel. Machado. José Albano, Quintino Cunha, Mário Linhares, Beni Carvalho, Carlos Gondim e Mário da Silveira ali pontificavam. Nos bancos da praça, Gil Amóra, com os seus companheiros mais intimos, Mário Linhares, Genuino de Castro, Luiz de Castro, Josias Goiana entretinham-se todas as noites, conversando sobre literatura. Quantas vezes, anos depois, passando pelo nosso principal logradouro, não imaginei aqueles talentosos moços ainda reunidos no seu efemero *Jardim de Academus!*

Conheci nesta cidade, na mesma época, uma velhinha de fisionomia suave, que andava de preto e sosinha percorria as ruas mais movimentadas. Não faltou um conterraneo nascido em Fortaleza e conhecedor de suas tradições, que me dissesse ser aquela senhora a genitora do poeta Mário Linhares. A minha timidez infantil impediu-me, entretanto, de dela me aproximar para beijar-lhe, respeitosamente, a mão trêmula e enrugada.

Em 1931 estive com Mário Linhares, pela primeira vez. Visitava ele a terra natal, depois de longos anos de ausência. Tive então do homem e do escritor a mais encantadora das impressões.

Em Abril de 1946, encontrando-me na Cidade Maravilhosa, fui á rua Prudente de Morais n. 306, no bairro aristocrático de Ipanema, abraçar o grande filho do Ceará. Esse novo encontro com o autor de "Evangelho Pagão" marcou o início de uma fase nova no nosso mutuo conhecimento, caracterizada por um sentimento delicado e sincero, em que está contido o prazer de servir, e que é conhecido na vida social por uma só e expressiva palavra: amizade.

Hoje, tenho mais uma vez diante de mim o vulto excelso de Mário Linhares. Neste sodalício, que o acolhe e homenageia, devo agora recordar que ele cantou a glória do Béranger brasileiro em um magnífico soneto, no qual presta o tributo de sua veneração á terra em que ambos nasceram:

JUVENAL GALENO

Bem haja a glória deste grande poeta
que cantou, como um doce rouxinol,
a vida humilde dessa gente inquieta,
tão fustiga[illegible]la luz do sol!

Nos se[illegible]uz e[illegible]nha [illegible]ue a ansia secreta
de uma [illegible]mentos p[illegible] crisól
da Dôr, que ele[illegible]le m[illegible]m pinta e interpreta,
— Trovador popular de alma de escól.

Revêjo, sob o azul daqueles céus
— o rustico viver dos tabaréus
e a faina dos vaqueiros, nos sertões...

Evóco — o mar bravio e Fortaleza,
Mucuripe e o farol de luz acêsa,
ao reler suas "Lendas e Canções"...

O amor ao Ceará, terra martir e adoravel, pobre e sublime, infeliz e sacrosanta, encheu os dias de Mário Linhares. É parte do seu evangelho cristão. Ceará, dirá ele, certamente, com ternura filial, palavra onde cabem as súplicas mais dolorosas e as alegrias mais espontaneas, estas nascidas do hábito do infortunio, que engrandece a alma e espiritualiza a vida! Ceará, terra que lembra o versiculo de Jó: *O Senhor m'o deu, o Senhor m'o tirou, bendito seja o nome do Senhor!* O Senhor deu ao cearense a chuva e os campos verdes e floridos, o gado nos currais e os pássaros nos galhos das arvores, o leite e o mel, a paz familiar. Mas o Senhor lhe deu depois a estiagem, os campos secos, os rios sem agua, o desalento, a fome, a miseria, a retirada pelos caminhos cheios de poeira e calor. Bendito seja o nome do Senhor! deverá ser depois o pensamento do emigrante, manifestado pela saudade do amado torrão e pelo imenso desejo de para ele voltar. Ao descendente de Iracema e Martim Moreno, sempre forte e erecto como a carnaúba nas épocas de estio, na expressão de António Bezerra, e que deve estremecer o seu solo "em ventura e maguas", segundo o verso de Tomaz Lopes, sobram razões para esse amor sem fim. A terra que, devendo ser um deserto, é um mundo de trabalho e progresso; que foi berço de Alencar, Bevilaqua, Farias Brito, Rodolfo Teofilo, Juvenal Galeno e Gustavo Barroso, luminares da patria; que primeiro acendeu o facho da liberdade para a raça eleita da divina Isabel; que deu o sangue de Sampaio para colorir o trofeu da vitoria da civilização contra a tirania, merece mesmo ser adorada como uma deusa. Também tem razão Mário Linhares, poeta e artista da palavra, filho eminente da Terra da Luz.

"Florões", "Evangelho Pagão", "Cantico dos Canticos" e "Vas Spirituale" são os livros de versos de Mario Linhares, depois reunidos sob o nome de "Poesias". São, como diria Rocha Lima, quatro perolas engastadas no firmamento da nossa literatura pelo seu talento de artista. Olavo Bilac, principe dos aêdos nacionais, disse hav[illegible]r gozado no "Evangelho Pagão", além do alto lirismo, o aprumo [illegible]so da linguagem. Alberto de Oliveira encontrou nesse livro, não s[illegible] mas também o pensador ou o filosofo. Teotonio Freire con[illegible] obra de um artista cioso da sua arte, de um espírito a[illegible]s verdade filigranada, imaginosa, tratada com esmero. A. [illegible]ra da Silva, Tristão de Ataíde, Clovis Bevilaqua, Oton Costa, Leonardo Mota, Fidelino Figueiredo, Durval de Morais disseram que belos versos, rimas perfeitas e imagens fascinantes são encontraveis nas paginas de "Poesias". Mario Linhares recebeu de Deus a graça de poder cantar, harmoniosamente, os grandes sentimentos, as paisagens deslumbrantes, a vida, o solo patrio, os herois nacionais e os vultos representativos da humanidade, o amor, a saudade. "Tarde de Julho", "Recordação" e "Morte de Petronio" revelam um lirico admirável, que encanta a quem o lê. Entanto, encontram maior acolhimento nesta terra de sol:

A SÊCA

Ceará. Pleno Sertão. Agosto. Um sol de brasa
queima impiedosamente o ventre da floresta.
O ar, pesado, asfixia. O espaço nem uma asa
de ave corta. A adustão flores e frutos cresta.

Fuzila o dia. Em furia, o vento, dentre a frésta
de abertas rochas, silva. À sêde que o abrasa,
o touro escarva o chão e, ao mormaço da sésta,
a dôr da planta à dôr dos pássaros se casa.

Nenhum riacho a colear o amplo seio do bosque.
É ardente o sólo, é sêco o arbusto, é triste o prado;
E nenhuma hera ao tronco anoso há que se enrosque.

Calma. Pela esplanada, apenas, se ouve o pio
dos anúns e o mugir convulsivo do gado,
sob a cáustica luz desses dias de estio.

MORTE DE IRACEMA

Tarde. No ocaso o sol declina e a sombra desce...
Iracema ergue aos céos o olhar, em desatino,
e, ante o vento que ul[illegible] mar que se enfurece,
aperta contra o seio uz e [illegible]quenino.

o [illegible]mentos p[illegible]

No êrmo quanto l[illegible] pésa [illegible]unio da vida
e o pranto nubla a luz do seu olhar formoso...
É que o dia desmaia e ela vê transfundida
na saudade da tarde a saudade do espôso.

Concentra-se em si mesma e mais cresce o abandono
em que sente a sua alma estremosa de amante.
Seu sêr é como um lirio às rajadas do outono
e a tristeza confrange o seu lindo semblante.

Olha a praia deserta: — os coqueirais ao vento
soluçam tristemente e, onda a onda, impa e se alteia
o oceano em macaréo e, alto, no firmamento,
surge, clareando a noite, o halo da lua cheia.

A magua, — misteriosa ave que as asas libra, —
perpassa em tudo e tudo envolve em névoa bruna...
Vivo e claro, à distancia, o canto da graúna,
na tristeza sem par das cousas tristes, vibra.

E Iracema, de pé, à porta da cabana,
arfa o seio na mesma ansia que lhe consome...
E, qual para domar aquela magua insana,
a jandaia ergue a voz a repetir-lhe o nome.

Cisma... e à sua visão, vivo, se desenrola
todo o quadro feliz do seu calmo passado:
— Livre, mal vinha o sol, corria pelo prado...
(E dos seus olhos, fio a fio, o pranto rola),

...Livre, mal vinha o sol, ia, a sorrir, bem cedo,
despertando ao seu canto os passaros nos ramos,
ria à flor e abalava os galhos do arvoredo
e à sua voz vibrava a voz dos gaturamos.

Pés descalços, transpunha os prec[illegible]chos
e, aos saltos, agitava as suas [illegible]
caíam, à sua flexa, os saboros[illegible]os
dos frutos, acurvando as ramalhudas franças.

Trefega e descuidosa, em pàlpita alegria,
penetrava, sorrindo, o seio da floresta,
e, entre a relva, inclinando a fronte, calma, à sesta,
à sombra da oiticica, horas e horas, dormia.

Dormia... Um sono ameno a sua alma embalava
tranquilamente e, mal a tarde vaga e dubia
esmaecia, — a correr como uma corça brava,
vinha, enquanto no ar troava o rouco som da inúbia.

E dos campos do Ipú, ela ia às cordilheiras
da Ibiapaba e, passando outeiros e colinas,
tantas vezes, ao sol, não vencia as ribeiras
do Acaraú que regava as fértiles campinas.

Cisma... e, em seus olhos, se abre a flor de um riso franco.
É que à mente lhe vem, num dilúculo estranho,
aquela aurea manhã em que depois do banho,
pela primeira vez, vira o guerreiro branco.

E olha o mar, olha o céo e olha os morros sombrios
do Mucuripe e escuta o tristonho epicédio
do zéfiro a gemer nos coqueirais esguios...
E em tudo ouve chorar a nenia do seu tédio.

E a filha de Araken fita a curva da estrada
e procura avistar, em doloroso anseio,
o amante e, embalde, o espera e suspira angustiada...
e mais e mais estreita o filho contra o seio.

Abre os braços em cruz e [illegible] aos céos a voz cava
e junta o seu soluço [illegible] oceano.
Em vão tenta amainar aquele [illegible]rano
que sua alma de mãe imponderalizava.

E o fruto do seu ventre, em lagrimas, abraça
de novo olhando a curva extrema do horizonte.
Sente-se exausta, a voz sufoca e o olhar embaça...
Desmaia e um frio suór desce de sua fronte.

Mas, de chofre, uma sombra, entre as dunas, assoma:
— É o vulto de Martim que regressa da guerra.
Chega e Iracema cae exausta e os olhos cerra
e arquêja... e, aflito, o esposo o filho aos braços toma.

E Iracema arde em febre e agoniza em delírio...
Estranha sêde a abrasa e, ao turvo olhar já cego,
tudo lhe foge e, aos cruéis transes do seu martírio,
estertora no crebro e derradeiro ofego.

Como para animar-lhe, àquela angustia louca,
a vida que se esvae no seu ultimo arquêjo,
Martim ergue-lhe o busto e traz-lhe à fria boca
eucaristicamente a extrema-unção de um beijo.

Quer chamar pelo amante e a voz morre à garganta,
reprêsa, os dedos crispa e a convulsão abala
todo o seu organismo e abraça-o à aflição tanta
e olha-o e o seu vitreo olhar, mais que os seus labios, fala.

Treme-lhe o corpo todo em contrações e, forte,
bate-lhe o pulso e o frio os membros lhe percorre;
infla o seio pontudo e, à agonia da morte,
franze o labio a estorcer-se e desfalece e morre...

E, inundando-lhe o rôsto as lagrimas em bagas,
ele, em chôro, rouquêja... e [illegible] envolto em brumas
sua alma em desespêro, — enquanto, em côro, as vagas
choram-lhe aos pés tambem o pranto das espumas.

E o hirto cadaver preme ao seu peito o guerreiro
que alça, convulso, as mãos e, em delirio, blasfema!.
— Fóra afla a brisa e, dentre os leques do coqueiro,
a jandaia repete o nome de Iracema...

E, noite, a luz do luar sobre as ondas se espraia
e, dentre os buzios, soluça o vento em voz tão clara
que parece gemer sobre a deserta praia
todo o infortunio atroz da raça tabajára...

CANÇÃO DO EXILIO

Aqui, longe do lar, nesta ausência sombria,
na reconcentração do meu ser de exilado,
brota-me nalma a flor de estranha nostalgia,
— santa recordação de meu berço adorado.

E, quêdo e triste, a sós medito e a fronte curvo.
E a cada hora me vem ao cérebro a lembrança
desse tempo feliz em que escutava, criança,
a condoreira voz do mar convulso e turvo.

Quadra santa em que eu tinha a alma em sonhos banhada
no Jordão de uma calma arcangelica e sã.
Despertava bem cêdo e, ao fulgor da alvorada,
entrava o bosque, a ouvir a voz da jassanã.

E, em espirito, volvo à era da mocidade
e os risos do passado aos prantos de hoje caso.
E, — ai! —, o empanado sol de esquisita saudade
tomba em mim como um sol tristemente no ocaso...

Hoje, no exilio, assim minha alma, às tontas, erra,
aos élos de fatais flagiciamentos presa,
— longe da ardente luz do sol da minha terra,
do claro azul do céo da minha Fortaleza.

Nunca mais pude ouvir o módulo gorgeio
dos passaros na fronde em flôr dos cajueirais
e, à noite, o vento aos quais como um corcel sem freio,
enrugando o lençol dos brancos areais.

Nunca mais pude ouvir a heroica litania
do mar, lançando ao céo alvos risos de espumas,
e ver, flava, surgir dentre o frouxél das brumas
a excelsa aparição deslumbrante do dia.

Patria da luz, torrão do amor, terra da gloria,
lantejoulado céo de gerações de heróis,
as folhas imortais da tua grande historia
brilham mais que o fulgor dos teus rutilos sóes.

Sim. Tens a alma, — a esplender de intrepidas façanhas, —
aurea como os clarões dos teus dias de Maio,
pois, pudeste arrancar das fecundas entranhas
os vultos varonis de Tiburcio e Sampaio.

Foste tu quem, primeira, um punhado de bravos,
em revolta, agitou contra a arbitrariedade,
rebentando os grilhões dos teus filhos escravos
e abrindo o gonfalão rubro da Liberdade.

O sol abrase; o vento acoite; o chão escalde;
e as arvores, erguendo aos céos os braços nús,
rinjam; e muja o gado e a terra inteira, embalde,
clame, ao poder brutal do castigo da luz,

O músculo vigor do teu ser não se abate,
da dor fira-te, embora, o seio o agudo chuço;
sabes, estoica, unir nas furias do combate
os gritos da vitoria aos ais do teu soluço.

É que, a toda hora, lês o sagrado evangelho
que as tuas tradições de valor rememora
e, à luz da tua fé, segues estrada em fóra,
com a mesma impavidez da alma de um Pero Coelho.

Por isso é que, colhendo imarcessiveis louros,
entre bençãos de luz, pudeste conseguir,
vitoriosa, te impor ao culto do Porvir,
à glorificação dos séculos vindouros.

A harpa em meus dedos vibro e, em delirios de febre,
na minha devairada e artistica nevrose,
tento embalde que a rima inflamada celébre
a aleluia da tua hosanica apoteóse.

Bruno a palavra, aprumo a frase e a idéa plasmo,
torturando expressões e vocabulos tersos,
mas sinto dentro da alma afastar-se o entusiasmo
ao pesado fragor destes barbaros versos.

Outro melhor do que eu, o teu épico poema
imorredouramente ha de, um dia, cantar,
do grito da jandaia e o encanto de Iracema,
à audaz jangada sobre a agua crespa do mar.

Patria, ouve a vibração deste canto do exilio
que meu peito na voz dos zéfiros te envia,
recorda ele uma faze em que nalma eu sentia
a doce floração de um romantico idilio.

Não sejas surda ó Patria ao meu supremo anseio:
— Não me deizes morrer do exilio no abandono,
já que o ser tu me déste em teu fecundo seio,
o meu seio ao teu seio une ao ultimo sono.

E eu possa enfim — sem mais pela angustia ir de rastros, —
no refugio do teu regaço descançar,
sob a pascoa de luz dos sorrisos dos astros
e à aurea bençam de amor das caricias do luar!

CANÇÃO DA AUSÊNCIA

Dentro de minha saudade,
revêjo-te, ó Fortaleza,
qual a mais linda cidade,
cheia de estranha beleza.

O cortêjo das jangadas,
nas belas tardes de estío,
as ondas encapeladas
afronta do mar bravio.

Aquela augusta paisagem
da ponta do Mucuripe
vive em mim! Guardo-lhe a imagem!
— Não ha fôrça que a dissipe...

Ha muitos anos eu vivo
distante de minha terra,
sempre saudoso e cativo
dos encantos que ela encerra.

O mar estruge na praia
como um leão que eriça a juba...
E vibra a vóz da jandaia
nos leques da carnauba...

Céu sempre azul! Raia o dia
num deslumbrante arrebol!
Tudo freme de alegria
sob o ouro fluido do sol!

À noite, no firmamento,
o teu luar aparece
qual visão de encantamento,
nos teus enlêvos de prece.

Os manes dos teus poetas,
heróis, mártires e santos
ressucitas e interpretas
no lirismo dos teus cantos.

Por toda a pompa suprema
que tanto enleia e seduz,
é que o berço de Iracema
se fez a — Terra da luz!

Tangido pelo destino,
hoje, vago em terra alheia.
Ai, meus sonhos de menino
— castelos feitos de areia...

Não sómente como poeta tem brilhado Mário Linhares no cenário intelectual do Brasil. Como crítico, historiador e genealogista é tambem digno do maior apreço.

O crítico literario pode ser julgado atravez das paginas de "Gente Nova", "Semeadores" e "Poetas Esquecidos". "Gente Nova" é uma coletanea de excelentes estudos sobre alguns poetas e prosadores que floresceram no começo do século. "Semeadores", do mesmo genero, ocupa-se

de grandes individualidades do país e do mundo, em primeiro lugar de Jesus, o mais perfeito dos homens, e logo depois de D. Pedro II, o maior dos brasileiros, encarando este como vigoroso cultor das musas. "Poetas Esquecidos", constitui um caridoso testemunho de grandes vates, dentre outros Fiuza de Pontes, Bonfim Sobrinho, Alfredo de Oliveira, Soares Bulcão, Carlos Gondim, Alvaro Martins, Pe. Antonio Tomaz, Alfredo Castro, Livio Barreto, Rodrigues de Carvalho e Mario da Silveira, cujos nomes "se perderam no turbilhão dos dias que se foram", mas deverão receber a consagração por parte das gerações vindouras.

O crítico de arte brindou as letras nacionais com um cintilante trabalho. "Nova Orientação da Pintura Brasileira", tendo por tema a figura de Manuel Santiago, pintor de sentido nativista, que buscava no meio, nos costumes e nas tradições brasileiras os motivos de inspiração.

O historiador, conscencioso e prodigo em informações, foi demonstrado com a publicação da magnifica "Historia Literaria do Ceará". Com ela, Mario Linhares prestou o seu mais notavel serviço á cultura da terra cearense. Muitos anos de pacientes pesquisas consumiu ele, a fim de que o Ceará, no terreno literário, não fosse colocado em plano inferior ao ocupado pelas outras provincias do Brasil.

O genealogista é o celebrado autor de "Os Linhares" e "Os Domingues da Silva".

Trabalhador infatigavel, eterno idealista, possuidor de uma alma sempre jovem, Mário Linhares entrega-se á literatura com a mesma constancia com que os principes do nosso tempo se esforçam pela restauração das monarquias. Não importam a má vontade e a indiferença. Principe das belas letras, tudo ele faz pelo parnaso, que é o seu reino neste mundo.

Oton Costa, eminente escritor carioca, chamou-lhe, certa vez, de jangadeiro literario. Não sei de imagem que melhor se ajuste ao nosso caro amigo. Nos *verdes mares bravios,* a jangada, fragil e afoita embarcação de destemidos pescadores, que quotidianamente desafiam a morte, é o simbolo vivo do nosso Ceará bem-amado. O jangadeiro é um forte, que ganha a palma da vitoria sobre a natureza agressiva. Das brancas praias a que se referiu Paula Ney, muito antes de haver sido feita aquela feliz comparação, Mario assim avistou o "barco aventureiro":

A JANGADA

Mal o clarão da aurora rompe a bruna
e densa escuridão da madrugada,
aos repuxos das ondas, a jangada,
Serena e afoita, a branca vela enfuna.

O dôrso encrespe o oceano e o vento zuna,
— segue aos vaivens dagua convulsionada,
e sobe e desce aos impetos de cada
vaga e à mercê dos mares se afortuna.

Parte e se some... À tarde, é de ver que ela
Volta afrontando a furia da procela,
Antes que a luz do dia se dissipe.

Volta, encurvando a asa da vela; suste-a
A ira do mar, — volta, ao poder da angustia
da saudade sem fim do Mucuripe.

A Federação das Academias de Letras do Brasil, que funciona na capital da república, destinada a promover "a aproximação, o intercambio, a confraternização entre todos os escritores nacionais", tem em Mário Linhares um dos seus melhores servidores. Chegou ele há alguns dias em Fortaleza, como representante dessa importante sociedade, á sessão solene de posse dos novos membros efetivos da Academia Cearense de Letras. O maior elogio das academias literárias foi feito por Eça de Queiroz, quando disse conceder que, "se a uma literatura faltar, sempe presente e sempre ativa uma consciencia literaria, representada por uma Academia que dê a regra e o tom, essa literatura pode por vezes cair na estravagancia". A Academia Cearense, fundada em 1894, a mais antiga existente no país, contou em seu primitivo quadro de socios com os nomes aureolados de Tomaz Pompeu, Barão de Studart, Farias Brito e Justiniano de Serpa, e é uma das três principais instituições de cultura do Estado, sendo as outras duas o Instituto do Ceará e a Casa de Juvenal Galeno. Com o pensamento em todas essas verdades, o cantor de "Jangada" veio do Rio de avião, sem pensar no perigo, como o admiravel Antoine de Saint Exupéry, o inesquecivel autor de "Piloto de Guerra", quando passeava no céu azul da *douce France*.

Dois vultos proeminentes da terra de Iracema assumem para Mario Linhares a posição de verdadeiros idolos: Rocha Lima e o Barão de Studart. O primeiro, foi um genio que levantou o vôo de condor e tombou ao solo antes de dominar toda a amplidão. O outro foi o gigante cujo grande feito consistiu na reconstituição dos acontecimentos de maior relevo do passado cearense. Esse culto civico é uma prova a mais de como o nosso querido homenageado vive identificado com o seu berço estremecido.

Que mais devo dizer no desempenho do mandato que me foi gentil-

mente outorgado pela Dra. Henriqueta Galeno? Que Mario Linhares é um homem bom, prestimoso e acolhedor. Mora no seu coração aquela mesma bondade que Tristão de Ataíde encontrou no nosso conterraneo honorario que foi Mario de Alencar. E o traço marcante do seu carater está nas seguintes palavras com que há muitos anos, fugindo do utilitarismo, fez o "Elogio do Sonho": "o sonho é a flor espiritualizada da Beleza imortal, o fruto saboroso dos magos encantamentos: renova e perpetua as grandezas fantasticas do Amor e as maravilhas deslumbrantes da Vida, como um talismã que tudo transforma e encanta".

Corre nos nossos meios intelectuais que Mário Linhares, não podendo mais viver em distantes plagas, estaria disposto a mudar a sua residencia para esta cidade. O mesmo já acontecera outrora com Antonio Sales, cujo lugar, de patrono das letras e Mecenas dos jovens literatos, ainda se encontra vago. Acertado andaria o grande sonhador se se deixasse completamento seduzir pelo canto da jandaia, que ainda lá está, no alto do coqueiro, na praia do Mucuripe. A Casa de Juvenal Galeno, sentindo-se jubilosa por tê-lo neste instante sob o seu tecto glorioso, não deseja que esta saudação termine sem que antes lhe manifeste quanto estimaria que se tornasse realidade essa muito sincera intenção. E diz que Mario Linhares deve voltar, definitivamente, para esta sua *Patria da luz, torrão do amor, terra da glória,* ou, como se encontra na letra do Hino do Ceará, *Terra do sol, do amor, terra da luz!*